



ORIGINAL / ORIGINAL / ORIGINAL

The perception about violence of the elderly admitted to asylum

La percepción de los mayores de edad internados sobre violencia
Percepção de idosos institucionalizados sobre violência

Maxwell Macedo Isidoro¹, Miguir Terezinha Vieccelli Donoso², Salete Maria de Fátima Silqueira³,
Eline Lima Borges⁴

ABSTRACT

Objective: This qualitative study aimed to know the perceptions of violence for the elderly. **Method:** It is a study conducted in a long-stay institution for the elderly. Open interview was used to collect data, wherein it was collected in September and October 2013. The open interview was constituted by the following phrase: Please, could you say about violence? At first, we tried to elderly people who were lucid, oriented, able to be interviewed and who agreed to accepted to participate of the research. The data were treated according to analysis criteria in its thematic content. **Results:** Three categories were established. The categories were: ways of expressing violence; strategies to prevent violence and rescue of the past. **Conclusions:** The meaning of violence has been defined in different ways, according to the concept and reality of each person's life, considering their economic, social and cultural conditions.

Descriptors: Violence. Aged. Qualitative research.

RESUMO

Objetivo: compreender as percepções das pessoas idosas sobre violência. **Método:** trata-se de estudo qualitativo realizado em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos. Utilizou-se entrevista aberta para a coleta de dados, sendo esta realizada em setembro e outubro de 2013. A entrevista aberta foi constituída pela seguinte frase: O(a) senhor(a) poderia falar um pouco sobre violência? A população foi estabelecida, a princípio visando buscar pessoas idosas que estivessem lúcidas, orientadas, em condições de serem entrevistadas e que aceitassem participar da pesquisa. Sete pessoas compuseram a amostra. Os dados foram tratados conforme critérios da análise de conteúdo na sua modalidade temática. **Resultados:** foram estabelecidas três categorias. Foram estas: formas de expressar a violência; estratégias para evitar a violência e resgate do passado. **Conclusões:** os significados de violência foram definidos de formas distintas, de acordo com a concepção e realidade de vida de cada pessoa, considerando suas condições econômicas, sociais e culturais.

Descritores: Violência. Idoso. Pesquisa qualitativa.

RESUMEN

Objetivo: Conocer las percepciones de la violencia para las personas mayores. **Método:** Se trata de un estudio cualitativo realizado en una institución de larga estadía para los ancianos. Entrevista abierta fue utilizada para recopilar datos, sendo que las entrevistas fueran realizadas en septiembre y octubre de 2013. La entrevista abierta fue constituida por la frase siguiente: ¿Señor, usted podría decir alguna cosa acerca de la violencia? Se estableció la población, al principio con el objetivo de buscar las personas mayores que estaban lúcidas, orientadas, capaces de ser entrevistadas y que aceptaron participar de la investigación. Siete personas formaran la muestra. Los datos fueron tratados de acuerdo a criterios de análisis en su contenido temático. **Resultados:** Se estableció tres categorías. Estas fueran: formas de expresar la violencia, estrategias para prevenir la violencia y la redención del pasado. **Conclusiones:** El significado de violencia ha sido definido de diferentes maneras, de acuerdo con el concepto y la realidad de vida de cada persona.

Descriptor: Violencia. Anciano. Investigación cualitativa.

¹ Graduando em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte - MG. Brasil. E.mail: maxufmg2009@gmail.com

² Doutora em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da UFMG, docente da Escola de Enfermagem da UFMG. Belo Horizonte - MG. Brasil. E.mail: miguirdonoso@uol.com.br

³ Doutora em Enfermagem em Saúde Pública pela Escola de Enfermagem da USP - Ribeirão Preto, mestre em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da UFMG, docente da Escola de Enfermagem da UFMG. Belo Horizonte - MG. Brasil. E.mail: salatesilqueira@gmail.com

⁴ Doutora em Enfermagem Fundamental pela Escola de Enfermagem da USP - Ribeirão Preto, mestre em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da UFMG, docente da Escola de Enfermagem da UFMG. Belo Horizonte - MG. Brasil. E.mail: eborges@ufmg.br

INTRODUÇÃO

O significativo aumento de pessoas com mais de 60 anos no mundo tem levado a velhice a ocupar o centro de diversos espaços sociais, acadêmicos e na mídia, fazendo-a alvo de estudos e reflexões⁽¹⁾.

A convivência dos idosos com pessoas mais jovens e a dependência obrigatória podem gerar conflitos a ponto de a convivência entre ambos se tornar inviável, sem condições de diálogo. Isto pode ocorrer no âmbito familiar, institucional e no convívio social. Nestas situações, não é raro acontecer o fenômeno da violência contra o idoso⁽²⁾.

Fazem-se necessárias ações coletivas para o enfrentamento da violência contra a pessoa idosa. Esse enfrentamento perpassa pela compreensão da violência como um agravo social. No entanto, a compreensão do fenômeno da violência é relativa, uma vez que se trata de tema que envolve a subjetividade das pessoas. A relativização da violência na sociedade constitui um fator dificultador para o enfrentamento da mesma, pois o que se considera violência para determinadas camadas sociais pode não o ser para outras.

Pesquisa sobre violência contra idosos aponta para a necessidade de se compreender como os próprios idosos constroem suas representações acerca da violência nesta fase da vida⁽³⁾. Dessa forma, surge aqui o problema de pesquisa: não há consenso do que se caracteriza como violência para pessoas idosas. Faz-se necessário identificar a percepção dos sujeitos idosos sobre o tema, numa tentativa de contextualizar o fenômeno, contribuindo assim no enfrentamento desta questão. Assim, esse trabalho teve como objetivo compreender as percepções das pessoas idosas sobre violência.

METODOLOGIA

Este estudo utilizou-se a abordagem qualitativa. Foi realizado em Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) na cidade de Belo Horizonte (MG). Trata-se de estabelecimento filantrópico com capacidade para 100 pessoas, estando atualmente abrigando 97 idosos, sendo 95 mulheres e dois homens. As condições para que uma pessoa idosa seja internada nesta ILPI são estar vivenciando situações de vulnerabilidade social ou na saúde. Os idosos internos são acompanhados por profissionais

contratados pela mesma, além da participação de instituições de ensino superior. O perfil dessas pessoas é: na maioria idade ≥ 75 anos; alto grau de dependência para atividades básicas de vida diária; portadores de polipatologias (≥ 5 diagnósticos); utilizam polifarmácia.

A coleta de dados foi realizada em setembro e outubro de 2013. A população foi estabelecida, a princípio visando buscar pessoas idosas que estivessem lúcidas, orientadas, em condições de serem entrevistadas e que aceitassem participar da pesquisa. Para tal, buscaram-se informações junto aos funcionários e aos prontuários dos pacientes, após autorização da direção da instituição, sendo que sete pessoas preenchiem os critérios de inclusão. Dessa forma, sete pessoas compuseram a amostra desta pesquisa.

A entrevista aberta foi utilizada como instrumento de coleta de dados. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Os dados foram tratados conforme critérios da análise de conteúdo na sua modalidade temática. Na análise temática, os dados obtidos na coleta não falam por si só. Estes necessitam de um processamento denominado categorização, que pretende dar sentido as mensagens contidas nestes dados⁽⁴⁾.

Os idosos que participaram da pesquisa receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e foram orientados sobre todas as etapas da pesquisa, os possíveis riscos, o direito de retirar-se a qualquer momento da pesquisa sem necessidade de justificar, dentre outros temas especificados no TCLE. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas - COEP da UFMG em 09 de novembro de 2012, sob número 05198512.5.0000.5149.

As entrevistas foram gravadas e, na medida em que iam sendo transcritas passavam pelo processo de análise. Este foi separado nas seguintes etapas⁽⁵⁾: pré análise; exploração do material com leitura exhaustiva; tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Os depoimentos sobre violência mostraram-se variados e, após leituras exaustivas das entrevistas, inicialmente foram estabelecidas 11 categorias. Após nova leitura, estas foram sintetizadas em três categorias: formas de expressar a violência; estratégias para evitar a violência e resgate do passado. Essas categorias foram analisadas e divididas em subcategorias. Por questões éticas, os

nomes dos depoentes foram substituídos por números.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste trabalho, a idade variou entre 72 e 89 anos. O período de permanência na instituição variou de 11 meses a três anos e dois meses. As sete pessoas entrevistadas eram do sexo feminino. Lembra-se que a maioria dos usuários da instituição em questão (98%) é constituída por mulheres.

Os depoimentos foram marcados por diferentes questões, tais como: situação dos entrevistados (moradores de uma ILPI), condições sociais dos entrevistados e o fato de que os mesmos estavam conversando com uma pessoa jovem e futuro profissional da saúde. Na análise do conteúdo, o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto que se repetem, constituindo grupos ou categorias⁽⁵⁾.

Categoria 1: Formas de expressar a violência

A primeira categoria observada foi “Formas de expressar a violência”. Lembra-se que formas de expressão podem variar significativamente, pois a análise do conteúdo constitui-se em um conjunto de técnicas de instrumentos metodológicos em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos extremamente diversificados. O fator comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência⁽⁵⁾.

Sentimentos sobre violência

A subcategoria “sentimentos sobre violência” abordou o significado da violência como algo fortemente relacionado ao pavor:

Ah, eu acho horrível! Cruz credo, eu não aceito, de jeito nenhum, violência. (Depoente 1)

A depoente acima refuta a idéia da violência, afirmando que não a aceita de forma alguma, talvez numa tentativa de rejeitar qualquer forma de prática violenta.

Outra depoente menciona a violência como algo que existe em todos os lugares:

Então eu acho isso um absurdo, precisa acabar com essa violência que existe em todos os lugares. É o que eu acho! (Depoente 2)

Lembra-se que a violência tem causalidade diversa. Relaciona-se a costumes e normas sociais de acordo com épocas, locais e circunstâncias⁽⁶⁾.

Na fala a seguir, a depoente utiliza o termo “da gente”, como se a dor fosse pessoal:

Então a violência lesa o coração da gente. (Depoente 3)

Ao verbalizar que a violência lesa o “coração da gente”, percebe-se que a depoente incorpora o sofrimento, como se a violência fosse praticada contra a mesma.

Outra depoente direciona o sentimento de aversão à violência para a questão da maternidade ou da relação com outros descendentes, como sobrinhos e netos:

Eu sou mãe, eu tenho netos, tenho sobrinhos, né? Então a gente vê acontecer uma coisa dessa a gente fica triste. Fico pensando: e se fosse meu filho? E se fosse meu neto? (Depoente 4)

Essa última fala revela o sentimento materno como integrante do universo da mulher. Como em um impulso, a depoente se refere aos filhos e netos, como em uma preocupação com o bem estar dos mesmos. A maternidade circunscreve períodos do desenvolvimento que marcam profundamente a história de vida das mães e também da família e da rede social constituída pelas pessoas que as acompanham⁽⁷⁾.

Grupos que sofrem violência

Na subcategoria “Grupos que sofrem violência”, os temas idosos e crianças emergiram, uma vez que são grupos susceptíveis à prática de violência.

Eu acho que a violência com pessoas idosas... se com pessoas novas eu já acho um horror, com pessoa idosa então, nem falamos, né? (Depoente 3)

“É com criança. (Depoente 3)

A literatura reconhece idosos e crianças como grupos sociais de alta vulnerabilidade, favorecendo a prática de violência contra os mesmos⁽⁸⁾. Percebe-se também que, ao emergir a violência direcionada para o idoso, surge invariavelmente a questão da falta de paciência:

É que a pessoa das vezes perde a paciência com os idosos, costuma bater, xingar. (Depoente 2)

Quase todas as mudanças consequentes do envelhecimento implicam em desgaste tanto para o

idoso quanto para o cuidador, do qual são requeridos paciência, habilidade e conhecimento para lidar com a situação. Uma vez que qualquer um desses itens não estiver presente, facilmente haverá convergência da situação para a prática de maus tratos contra o idoso⁽⁹⁾.

A depoente a seguir cita a criança e, em seguida afirma que “não é desse tipo” [que pratica violência contra crianças]:

Com criança que tá tendo tanta coisa, eu, eu não sou desse tipo não! (Depoente 1)

A afirmação desta depoente sugere defesa, como se a mesma fizesse questão de deixar claro que não maltrata ou não maltratou crianças. Lembra-se que fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos do sentido que compõem uma comunicação⁽¹⁰⁾.

Reações frente à violência

A subcategoria “Reações frente à violência” trouxe, nas entrelinhas, o sentimento de impotência diante da exposição a situações reais ou imaginárias de violência. O depoimento abaixo expressa esse sentimento:

Mas quem sou eu pra me dar uma ordem ou pra corrigir isso? Não sou ninguém, uma pobre é (...) velha com oitenta e três anos que é contra [a violência], mas eu não posso fazer nada. (Depoente 2)

Uma outra forma de reação frente à violência é a não aceitação, como explicitado na fala abaixo:

Porque eu não aceito. (Depoente 5)

Apesar dessa não aceitação frente a situações violentas, a maioria dos idosos não reage diante de um ato violento. Algumas das formas de externar os sentimentos são por meio de orações ou de choro, como se esses aliviassem ou representassem sua expressão, já que se vêem impotentes e pensam não poder fazer nada em relação a esses acontecimentos⁽¹¹⁾. Algumas depoentes traduzem essas mesmas expressões e sentimentos em suas falas, como exposto abaixo:

Eu rezo muito pros meus filhos, sabe? Rezo pra mim, pra meus filhos... pros meus afilhados, afilhadas, meus amigos. E rezo muito... eu tenho quase uma igrejinha lá no meu quarto. (Depoente 6)

Vem assim: oh, meu Deus, se eu fosse um presidente da república ou se eu fosse uma pessoa nas alturas que eu pudesse reagir ou que eu pudesse dar uma ordem, eu

daria ordem pra não ter essa violência que tá tendo. (Depoente 2)

Este último depoimento pode ser compreendido ainda como uma alusão à fragilidade dos órgãos públicos no enfrentamento da violência contra os idosos. Ao referir “se eu fosse um presidente da república ou se eu fosse uma pessoa nas alturas que eu pudesse reagir ou que eu pudesse dar uma ordem”, essa idosa reflete a percepção dessa fragilidade.

Trabalho sobre desenvolvimento de políticas de atenção ao idoso no Brasil sugere que o bem-estar dos idosos depende significativamente da alocação de recursos em setores além do setor de saúde. As autoras apontam a necessidade de discussão entre a população e os gestores para fortalecer a integração das redes de atenção para a pessoa idosa, que ainda se mostram insipientes⁽¹¹⁾.

Categoria 2: Estratégias para evitar a violência

Protegendo-se

Apesar da relevância que o tema “violência contra o idoso” tenha para a área da saúde, observa-se uma escassez de estudos sobre o mesmo⁽¹²⁾. As depoentes parecem cientes de sua condição de fragilidade, criando, inclusive, estratégias de proteção:

Mas eu não saio sem ninguém mesmo! Não saio só! Só com a família e eles [os funcionários] aqui! (Depoente 1)

A depoente acima se protege da violência permanecendo na ILPI. Aparenta estar ciente da violência, estampada nas ruas e na sociedade. A violência não possui um *locus* específico. Ela está presente tanto nos bairros mais sofisticados quanto nas favelas, abrange o centro e a periferia, perpassando pelos diversos extratos sociais⁽¹³⁾.

Outra depoente mostra-se forte e ao mesmo tempo protegida, uma vez que se refere à ILPI como um local seguro.

Ninguém me faz de besta! Eu tenho meu cantinho pra morar. (Depoente 3)

Esta última depoente demonstra sentir-se amparada na ILPI. No entanto, na atual sociedade, grande parte dos indivíduos está permanentemente confrontada com sua condição de desamparo, insuficiência e vulnerabilidade⁽¹³⁾.

Negando o assunto

Algumas depoentes, quando estimuladas a falar sobre violência referem não acompanhar esse tema junto à mídia:

(...) porque eu gosto muito de jornal, mas eu quase não assisto, porque às vezes é muita notícia ruim que passa! (Depoente 5)

Atualmente, observa-se que grande parte do tempo dedicado às notícias refere-se a matérias sobre violência. Dessa forma, acompanhar jornais, revistas ou programas de televisão implica em confrontar com práticas da violência.

A depoente a seguir refere que não gosta sequer de pensar no assunto:

Não gosto nem de pensar. (Depoente 4)

A negação é um mecanismo de defesa que, como os demais, também pode ser encontrado em indivíduos saudáveis⁽¹⁴⁾.

Categoria 3: Resgate do passado

Na análise temática, o pesquisador - obtendo resultados significativos e fiéis - pode propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos ou que lhe digam respeito a descobertas inesperadas⁽⁵⁾. Buscando relatos sobre violência obtivemos a categoria “Resgate do passado”.

Relacionado aos sentimentos

Quem transmite suas lembranças é, na verdade, um mediador entre gerações⁽¹⁵⁾. Essa subcategoria apresentou lembranças que provocaram sentimentos marcantes nas vivências dessas depoentes, mesmo que não as relacionando diretamente as situações de violência, como descrito na fala abaixo:

A gente teve uma vida maravilhosa, só não tive os filhos que eu queria ter. (Depoente 3)

Muitas pessoas idosas demonstram arrependimento por não terem formado uma família, visto que essa mesma família poderia estar cuidando e dando um suporte maior em relação às suas necessidades advindas do avanço da idade⁽¹⁶⁾. Ao expressar que não teve filhos, essa última depoente parece estar externando um sentimento de insatisfação por não ter realizado esse desejo.

Outra depoente, em relação às suas experiências de vida, manifestou não ter revolta dos acontecimentos difíceis que lhe sucederam:

Não tenho revolta! (Depoente 7)

A mesma simplesmente expressa que não tem revolta, mas não faz menção aos fatos que não lhe causam revolta, simplesmente ignorando-os. Na pesquisa qualitativa, o pesquisador deve manter-se imparcial para não induzir respostas. Se tivéssemos perguntado à depoente o que especificamente não lhe causa revolta, talvez um universo de lembranças e superações fosse descortinado. Em estudo realizado numa ILPI localizada no sul do Brasil, muitas pessoas idosas demonstraram em seus discursos sentimentos de mágoa e revolta, principalmente em função do afastamento da família e da institucionalização, em muito dos casos, involuntária⁽¹⁶⁾.

Relacionado ao ofício

O trabalho pode ser compreendido de duas formas diferentes: a primeira, referente à dimensão negativa, pode se caracterizar como fardo, tarefa; já a segunda, a dimensão positiva está implícita na segurança de se ter um trabalho, o sentimento de estar produzindo algo⁽¹⁷⁾. Nesse sentido, utilizando a concepção de ‘trabalho’ transcrita acima, percebemos nas falas das depoentes uma predominância da dimensão positiva que o trabalho ainda representa na vida dessas pessoas.

Eu dava conta com meu salãozinho. Ele [o marido] trabalhava na secretaria e nem via eu trabalhar com os fregueses né. Eu marcava tudo na hora que ele não estava, pra não incomodar, né? (Depoente 3)

A fala dessa depoente traz a satisfação de possuir, de certa forma, autonomia e independência econômica, evidenciado pela fala “eu dava conta com meu salãozinho”. Ainda que sem o consentimento do marido (algo importante para a época), a mesma sentia-se feliz com seu trabalho. A incorporação de mulheres no mercado de trabalho tem relação com as transformações ocorridas tanto no mundo do trabalho quanto nas questões de gênero⁽¹⁸⁾. No entanto, a depoente menciona a preocupação em estar incomodando o marido com seu trabalho, sugerindo uma condição de submissão.

Outra depoente discorreu sobre o trabalho que desempenhava desde sua adolescência:

Eu comecei a trabalhar com quatorze anos, porque eu fui pedir emprego. (Depoente 6)

A depoente acima relatou ter iniciado sua vida laboral ainda no início de sua adolescência, aos 14 anos de idade. Esse fato encontra apoio na literatura, pois pesquisas com pessoas idosas demonstraram o trabalho infantil como um fator comum nos relatos de vida das mesmas⁽¹⁹⁻²⁰⁾.

CONCLUSÃO

Essa pesquisa apresentou como fator limitador a ausência de pessoas idosas do sexo masculino na amostra. Este fato pode encobrir uma outra visão, diferente da feminina, na concepção de violência. Dessa forma, torna-se mais acentuada a questão de gênero, já existente nesse grupo etário, pelo maior contingente de mulheres na sociedade.

O fenômeno da violência foi percebido de formas distintas, de acordo com a concepção e realidade de vida de cada pessoa. As percepções dos indivíduos foram influenciadas pelas condições econômicas, sociais, culturais e, principalmente, pela subjetividade humana. Acredita-se que, ao se desvelar essas percepções subsidiam-se outros trabalhos sobre identificação da violência nesse grupo etário, o que poderá nortear estratégias mais eficazes na luta contra esse grande e emergente problema de saúde pública em nosso país e no mundo.

A violência pode ser considerada um agravo de saúde e social, sendo que seus significados necessitam de maior exploração. O enfermeiro, como agente de transformações necessita estar a par das percepções sobre a violência, nas suas várias formas de apresentação. Compreender a subjetividade facilita o processo de intervenção e transformações sociais no contexto das ILPIs.

REFERÊNCIAS

1. Monteiro OR, Figueiredo NR, Marreiro MOC, Figueiredo MLF, Carvalho NAL, Carvalho Junior JAM. Polifarmácia entre idosos assistidos pela Estratégia Saúde da Família. *Rev Enferm UFPI*. 2014; 3(2):56-61.
2. Florêncio MVL, Ferreira Filha MO, Sá LD. A violência contra o idoso: dimensão ética e política de uma problemática em ascensão. *Revista Eletrônica de Enfermagem* [periódico na internet] 2007; 9(3):847-57. Available from: URL: <http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n3/v9n3a23.htm>. Acesso em 26 jun. 2015.
3. Araújo LE, Lobo Filho JG. Análise Psicossocial da Violência contra Idosos. *Psicologia: reflexão e crítica*. 2009; 22(1):153-60.
4. Bonilha ALL. Reflexões sobre análise em pesquisa qualitativa. *Rev. Gaúcha Enferm*. 2012; 33(1):8-8.
5. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa/Portugal: Edições 70; 2009.
6. Paula AS, Kodato S. Histórias de vida e representações sociais de violência por professores de escolas públicas. *Temas psicol*. 2010; 18(1):177-89.
7. Barbosa FA, Machado LFV, Vilela e Souza L, Scorsolini-Comin F. Significados do cuidado materno em mães de crianças pequenas. *Barbaroi*. 2010; (33):28-49.
8. Donoso MTV, Ricas J. Perspectiva dos pais sobre educação e castigo físico. *Rev. Saúde Pública*. 2009; 43(1):78-84.
9. Garbin CAS, Sumida DH, Moimaz SAS, Prado RL, Silva MM. O envelhecimento na perspectiva do cuidador de idosos. *Ciênc. Saúde Coletiva*. 2010; 15(6): 2941:8.
10. Bufrem LS, Silva HFN, Fabian CLSRM, Sorribas TV. Produção científica em ciência da informação: análise temática em artigos de revistas brasileiras. *Perspectivas em ciência da informação*. 2007; 12(1):38-49.
11. Fernandes MTO, Soares SM. O desenvolvimento de políticas públicas de atenção ao idoso no Brasil. *Rev. esc. enferm. USP*. 2012; 46(6): 1494-502 .
12. Melo VL, Cunha JOC, Falbo Neto GH. Mastratos contra idosos no município de Camaragibe, Pernambuco. *Rer Bras Mater Infant*. 2006; 6(1 supl.):43-8.
13. Hayeck CM. Refletindo sobre a violência. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*. 2009;1(1):1-9.
14. Gambatto R, Carli FC, Guarienti RF, Silva ALP, Prado AB. Mecanismos de defesa utilizados por profissionais de saúde no tratamento de câncer de mama. *Psicol. Am. Lat. Online* [periódico na internet]. 2006; (6):0-0. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>. Acesso em 26 Abr. 2013.
15. Barros MML. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. *Sociologia, problemas e práticas*. 2006; (52):109-32.
16. Rissardo LK, Furlan MCR, Grandizolli G, Marcon SS, Carreira L. Concepção e sentimentos de idosos institucionalizados sobre família. *Cienc Cuid Saúde*. 2011; 10(4):682-9.
17. Ribeiro CVS, Léda DB. O significado do trabalho em tempos de reestruturação produtiva. *Estud. Pesq. Psicol*. [periódico na internet]. 2004; 4(2):0-0. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v4n2/artigos/ARTIGO5V4N2.pdf>. Acesso em 09 Mai. 2014.
18. Daniel C. O trabalho e a questão de gênero: a participação de mulheres na dinâmica do trabalho. O social em questão. 2011; 14(25/26):323-44.

19. Marin MJS, Miranda FA, Fabbri D, Tinelli LP, Storniolo LV. Compreendendo a história de vida de idosos institucionalizados. Rev. bras. geriatr. gerontol. [periódico na internet]. 2012; 15(1):147-54. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v15n1/16.pdf>. Acesso em: 26 Abr. 2014.

20. Silveira RE, Santos AS. Gravidez na adolescência e evasão escolar: revisão integrativa da literatura. REAS [periódico na Internet]. 2013; 2(1):89-98. Disponível em: <http://www.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/enfer/article/view/30>. Acesso em: 26 Abr.2014.

Sources of funding: No

Conflict of interest: No

Date of first submission: 2014/12/11

Accepted: 2015/02/19

Publishing: 2015/07/01

Corresponding Address

Miguir Terezinha Vieccelli Donoso
Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Enfermagem da UFMG, Campus Saúde
Avenida Alfredo Balena, 190. Bairro Santa Efigênia.
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
MG. CEP: 30130.100
E.mail: miguirdonoso@uol.com.br.